

MINI MISS

Por Nayara Reynaud

Brincadeira de adulto

O olhar documental pode até ter inspiração no trabalho do colega Gabriel Mascaro, de quem produziu os longas *Doméstica* (2012), *Ventos de Agosto* (2014) e *Boi Neon* (2015), mas Rachel Daisy Ellis constrói um registro autoral já no seu primeiro filme. Isso em um ambiente que busca a constante padronização e que está em destaque no seu documentário em curta-metragem *Mini Miss* (2018). Ganhadora do Prêmio Canal Brasil de Curtas no festival *É Tudo Verdade* deste ano, a produção pernambucana observa oniscientemente, com a câmera na altura das crianças e centrada apenas em seus rostos, os bastidores de um concurso de beleza infantil, que já foi retratado de diferentes formas no sucesso ficcional *Pequena Miss Sunshine* (2006) e nos *reality shows Pequenas Misses* (2009-16) e *Chegou Honey Boo Boo* (2012-17).

Na escolha para a Miss Brasil Mundial nas categorias Baby, Mini e Infantil, o curta acompanha de perto cinco meninas entre 3 e 5 anos, participantes da primeira e mais jovem divisão, que representavam os estados do Rio Grande do Sul, Alagoas, Rio de Janeiro, Goiás e Mato Grosso. Apresentadas no prólogo através de suas entrevistas com os organizadores, Ellis está interessada no comportamento, nas reclamações, incômodos e deslumbramentos dessas crianças tratadas como adultas por adultos que brincam com elas, seja na própria proposta do concurso ou na chantagem emocional das mães. Assim, essas pequenas demonstram um comportamento propriamente pueril e, ao mesmo tempo, resultante da adultização a que são submetidas: se fingem se embriagar com o falso champanhe enquanto rodam de limusine, tapam os ouvidos com o barulho da música alta; se adoram se maquiar, tem de ser com a cor extravagante desejada, sem deixar de ver o desenho no tablet enquanto se arrumam.

No entanto, é da caçula deste grupo que o filme extrai seus principais momentos. Com apenas três anos e cinco meses, Maria Helena ainda mama nos seios de sua mãe, mas já é obrigada por ela a desfilar na passarela. Em seu imaginário infantil, ela enxerga o Lobo Mau em um tapete, enquanto os adultos tentam “adestrá-las” para o desfile da noite de gala do concurso. Mas é no seu grito final que a revolta e libertação – delas e do público – se materializa em um mundo que não as permite mais serem crianças.